

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ÉRICA WHATELY SUNDFELD

**O SENTIDO DA DESPEDIDA
NO FILME “AS INVASÕES BÁRBARAS”**

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ÉRICA WHATELY SUNDFELD

**O Sentido da Despedida
no filme “As Invasões Bárbaras”**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Marcos Colpo

SÃO PAULO

2009

Ao meu TCC, que também é uma Despedida.

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Armando e Marlene, por todo o apoio e força que me deram para entrar e terminar a faculdade. Sei que não foi difícil só para mim, eles também lutaram muito.

Agradeço aos meus irmãos, Raul e Armando, por agüentar uma irmã psicóloga, importunando-os a todo momento.

Agradeço às minhas companheiras: Luisa Guirado, Mariana Cacciacarro, Mariana Zarvos, Marilia Pera e Melissa Santini, que dividiram comigo as mais trágicas e engraçadas experiências nesses 5 anos de faculdade.

Não posso esquecer-me da Gabriela Freitas, da Vivian Guida e da Virna Moraes que completaram meu quinto ano com alegria e sorrisos.

Agradeço também a todos da turma de Psicologia, graduandos em 2009. Foi bom passar por isso com todos vocês.

Agradeço aos meus amigos: Arthur Massuda, Camila Andrade, Felipe Estrella, Felipe Mansano, Heloisa Turek, Marcos Diez e Thiago Bagatim. Por simplesmente serem meus companheiros de papo, de vida e de momentos marcantes. São minha família!

Agradeço ao professor Marcos Colpo, meu orientador, por todo carinho, atenção e paciência.

Agradeço ao professor Nichan Dichtchekian pela inspiração e por ter aceitado ser meu parecerista.

E a todos aqueles a quem disse adeus.

Resumo

Trata-se de um trabalho de pesquisa que se utilizou do método hermenêutico da existência, fundamentado na fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger.

A partir dessa orientação metodológica procuramos desvelar um sentido da despedida, através da análise do filme *As Invasões Bárbaras* – diretor Denis Arcand (2003), cuja temática desdobra-se em torno do acometimento que coloca a vida do personagem Rémy diante de sua finitude.

A compreensão/interpretação do filme procurará aproximar os posicionamentos vividos pelo personagem, salientando aspectos envolvidos no seu enfrentamento da doença, sua despedida junto aos familiares e amigos.

Palavras Chave: *As Invasões Bárbaras*; despedida; hermenêutica da existência.

SUMÁRIO

Introdução -----	p.07
Capítulo I – Metodologia -----	p.10
Capítulo II – Despedida -----	p.14
Capítulo III – Sinopse do filme -----	p.19
Capítulo IV – Análise Hermenêutica -----	p.28
Capítulo V – Considerações finais -----	p.37
Referências Bibliográficas -----	p.39

INTRODUÇÃO

O tema para esse trabalho caminha comigo desde o primeiro ano da faculdade, quando o professor da disciplina Psicologia Fenomenológica II, Nichan Dichtchekenian sugeriu a leitura do texto “Dizer Adeus” de Stephen Tobin. Esse reflete sobre as dificuldades pelas quais algumas pessoas passam para se despedir de suas formas de ser, quando se relacionavam com pessoas amadas que deixaram de estar disponíveis na relação, seja pelo fim de um relacionamento, seja por morte de um ente querido ou por qualquer outro motivo.

No processo do fim de um relacionamento existe uma dinâmica do que abandona e daquele que é abandonado. A despedida terá diferentes significados para cada uma dessas pessoas. Aquele que abandona não pode estar mais disponível para o outro; e o abandonado sofre com a “obrigação” de ter que assumir uma nova forma de ser.

Essa temática é relevante, porque ao final de uma relação somos impulsionados a abandonar uma forma de ser e assumir uma nova possibilidade, um processo que pode ser doloroso e de grande aprendizagem, pois o adeus funciona como um fechamento e é através dele que fica claro a experiência como um todo.

Existem diversos tipos de perdas: a morte, o divórcio, a separação de pais, filhos deixando suas casas, sair do país de origem, perdas de habilidades conhecidas, perdas relacionadas com a idade, entre outras. O fim, tenha acontecido em qualquer dessas formas, vai funcionar como um desfecho, um encerramento. E muitas vezes apenas compreendemos a relação após seu término ou compreendemos a importância de uma pessoa em nossas vidas quando a perdemos.

Depois dessa reflexão, eu tinha um tema definido: o adeus, a despedida, o fim de um relacionamento. Só não havia definido como explorar essa temática: focaria em um fim de relação amorosa ou conseguiria estudar todas as formas de um fim. E ainda restava a questão de como estudaria o tema: faria entrevistas ou seria um trabalho teórico? Havia mais questões do que respostas.

Eis que surge uma idéia... Ilustraria o tema através de alguma obra

cinematográfica, correndo o risco de focar em apenas uma forma de dar adeus. Entretanto, quando escolhi “As Invasões Bárbaras” percebi que existiam diversas despedidas presentes na obra: um libertino se despedindo de uma vida prazerosa e cheia de algazarras; uma ex-mulher se despedindo de um grande amor; filhos se despedindo de um pai; e, por fim, um grupo de amigos se despedindo de uma época e de um de seus membros queridos.

Deste modo, o intuito do presente trabalho será o de desenvolver uma hermenêutica da existência do filme *As Invasões Bárbaras* (*Les Invasions Barbares*, Canadá, 2003) de Denis Arcand. Tal hermenêutica discutirá os cenários de sentido presente nessa obra cinematográfica, uma vez que se trata de um personagem portador de uma doença grave que toma decisões em relação ao seu processo terminal, convivendo com parentes e amigos. Nesse processo, ocorre uma despedida que passa por uma série de decisões e realizações que serão discutidas aqui.

O trabalho seguirá como metodologia o que se denomina por uma *hermenêutica da existência*, que possui seus fundamentos na ontologia fundamental de Martin Heidegger (1889 – 1976). Ele foi um pensador inscrito na tradição fenomenológica de Edmund Husserl e fez importantes desdobramentos em direção a uma ontologia, utilizando-se de uma hermenêutica fenomenológica para escrever sua obra fundamental *Ser e Tempo*, em 1927.

O que estamos denominando por hermenêutica da existência, teve outras designações em Heidegger, como a hermenêutica da facticidade. O termo facticidade designa a condição dada ao homem, ou seja, aquilo que concerne às condições dadas não escolhidas pelo homem (ser-aí), por exemplo: ter nascido homem ou mulher, em determinadas condições históricas, sociais e econômicas, com certas expectativas, numa determinada família, etc. E também de tudo aquilo que diz respeito a todos nós homens: ser mortal, ter que fazer escolhas sem saber o que nos aguarda, nossas vulnerabilidades e diversos outros.

A análise do filme consistirá em observações sobre as condições dadas ao personagem e suas escolhas diante de sua finitude. Não se trata de postular verdades inabaláveis e irrefutáveis, mas sim colocar em reflexão certas possibilidades que fazem parte do repertório do que há de possível frente ao

que diz respeito à condição humana.

O trabalho será organizado do seguinte modo: no primeiro capítulo discutiremos a questão metodológica; no segundo, faremos uma breve fundamentação sobre a despedida; no terceiro, uma sinopse do filme *Invasões Bárbaras*; no quarto, dedicaremos à análise hermenêutica da obra; e no quinto capítulo e final, reservaremos para as considerações finais.

Capítulo I – METODOLOGIA

A fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) visou estabelecer um método de fundamentação da ciência e de constituição da filosofia como uma filosofia de rigor.

“O projeto fenomenológico se define como uma volta às coisas mesmas, isto é aos fenômenos, àquilo que aparece à consciência, que se dá como seu objeto intencional. O conceito de intencionalidade ocupa lugar central na fenomenologia, definindo a própria consciência como intencional, voltada para o mundo: toda consciência é consciência de alguma coisa.” (JAPIASSU & MARCONDES, 1996, p.102)

Para Husserl a explicitação daquilo que podemos designar por fenômeno é tudo aquilo que é dado à consciência, entendida como intencionalidade. Trata-se, portanto, de se explorar esse dado, isso que se vive, se percebe, se rememora, se imagina e se pensa, sem forjar hipóteses. Assim sendo, abstendo-se de todo e qualquer pré-juízo e pré-conceito.

A palavra grega *epoché* realiza bem o sentido da redução, significando abster-se ou reter-se. No alemão o sentido da *epoché* estaria contido na palavra *zurückhaltung* – “projetar-se para trás”. Husserl chamou este posicionamento, que nunca se exerce em sua radicalidade, de redução fenomenológica.

O método de investigação fenomenológico em Husserl ainda contempla outra redução denominada de redução eidética, que tem por finalidade nos aproximar da essência dos fenômenos. A fenomenologia de Husserl converte-se assim numa filosofia das essências, sendo que tais essências deverão ser acessadas por meio de um exercício do pensar denominado por variação imaginária, em que o investigador projeta cenários para os fenômenos, indagando sobre o que lhe é essencial. A intenção aqui é detectar e buscar pelo invariável - aquilo que se mostra atemporal, essencial e universal.

“Se a essência pode ser designada como o invariante que persiste a despeito de todas as variações a que a imaginação submete o exemplo que serve de modelo, não será uma aberração aproximar a noção de essência da de forma e

estrutura...” (DARTIGUES, 2000, p. 38).

Desse modo, parece haver um parentesco entre a noção fenomenológica de essência e a noção de forma estudada pela psicologia das Gestalttheorie. A estrutura de uma melodia realiza a sua essência: podemos transportá-la para outro tom ou ritmo que ela permanecerá identificável na sua estrutura.

Martin Heidegger (1889-1976) foi aluno e discípulo de Husserl e caminhou em direção a uma ontologia, procurando explicitar o sentido do ser. Questão esta esquecida pela filosofia engajada num modo característico de se pensar que Heidegger denominou por pensamento metafísico. A ontologia de Heidegger, ao voltar-se para a explicitação do sentido do ser, toma o ente homem com objeto de investigação, pois é a ele que o ser se dá. Nesse sentido podemos assumir que o trajeto em direção aos modos de ser do ser-aí serão trilhados por uma fenomenologia hermenêutica.

A palavra hermenêutica ganha vários sentidos no decorrer da história do pensamento ocidental. Liga-se primeiro ao deus grego Hermes, o mensageiro dos deuses. “O sentido de hermeneus, como mensageiro, intérprete, aquele que comunica, já aparece em Platão: Os poetas não são outra coisa que os mensageiros dos deuses” (SAPIENZA, 2007, p.26).

No século XVII a hermenêutica volta-se essencialmente para a interpretação dos textos sagrados, sendo que com Schleiermacher século XIX, a hermenêutica torna-se uma arte de compreender o discurso do outro. Para Dilthey (1813-1911), alinhado com Schleiermacher, a hermenêutica defini-se como “formulação de regras de entendimento”. Heidegger coloca a interpretação alinhada à compreensão e a auto-compreensão do ser-aí:

“(...)Heidegger põe na estrutura do compreender essa questão do poder-ser, de tal maneira que o poder-ser para Heidegger é ao mesmo tempo interpretação. Na medida em que o compreender se explicita, ele é interpretação. De tal maneira que o interpretar é o expor, é o desdobrar das próprias possibilidades. Neste sentido, então Heidegger irá dizer que o ser humano é um ser para possibilidades.” (STEIN, 1996, p.58-59)

A hermenêutica em Heidegger converte-se deste modo numa interpretação da facticidade da existência, daquilo que nos é dado – não escolhido e o âmbito de nossas decisões assumidas ou não assumidas em detrimento desses acontecimentos. Podemos dizer, partindo de *Ser e tempo* (1927), que o que se visa na fenomenologia é o ser dos entes e este se mostra na nossa existência por meio do sentido.

“...Fenomenologia trata do fenômeno, o método fenomenológico trata daquilo que se esconde sob o logos (discurso) , que é a singularidade que tenta se expressar no logos, mas que o logos sempre oculta. É o elemento hermenêutico”. (STEIN, 1996, pp.55-56)

Em vista disso, o presente trabalho se fundamenta numa hermenêutica, como uma tentativa de trazer à tona os sentidos, os sinais, os indícios ou o que Heidegger denominou por *aparências*, uma vez que elas anunciam ou indicam os possíveis sentidos, ou seja, nortearão os caminhos para a compreensão desses sentidos.

Heidegger em *Ser e Tempo* ressalta que sentido:

“(...) é o contexto no qual se mantém a possibilidade de compreensão de alguma coisa, sem que ele mesmo seja explicitado ou, tematicamente visualizado... Sentido significa a perspectiva do projeto primordial a partir do qual alguma coisa pode ser concebida em sua possibilidade como aquilo que é. O projetar abre possibilidades, isto é, o que possibilita.” (HEIDEGGER, 1988, p.117-118).

Se o discurso fosse transparente, evidente por si mesmo não haveria a possibilidade de uma hermenêutica como acesso ao sentido. Diz Heidegger: “o conceito oposto de fenômeno é o conceito de encobrimento” (HEIDEGGER, 1988, p.66).

Cabe ressaltarmos que, por ser um trabalho voltado para a análise de um filme, a hermenêutica atrelada a esta perspectiva procura por em discussão esses possíveis cenários de sentidos. Como estaremos vinculando nossas análises a ontologia de Martin Heidegger, âmbitos como a facticidade, a compreensão, a tonalidade afetiva, o impropriedade, o sentimento de angústia, a culpabilidade, a temporalidade, a finitude, a corporeidade, a espacialidade

são alguns dos existenciais presentes em Ser e tempo que nos ajudarão a encaminhar tais cenários.

Capítulo II – DESPEDIDA

O objetivo do capítulo é discutir a temática principal deste trabalho: a Despedida. A relevância desta discussão surgiu porque convivemos com a despedida cotidianamente. Mesmo um adeus aparentemente inofensivo, pode interferir em nossas decisões e ações. Existem formas de adeus que mudam toda uma vida, principalmente se esse adeus é dito a alguém que é uma referência importante.

Dizemos adeus em diversos momentos durante toda a vida: adeus a ideologias, adeus a formas de experienciar a vida, adeus a relacionamentos e adeus a pessoas que passam por nossas vidas. Nunca é fácil dizer adeus, mas passamos por ela de vários modos: sofremos a morte do outro e a nossa própria, a morte de nossas maneiras de ser, perdemos alguém que se mudou para outro país etc.

Apesar de serem partes da vida, perdas surgem sempre de forma inesperada, sem aviso, fazendo com que duvidemos do sentido de nossas vivências. Então, como surge essa dúvida, a perda se torna parte do desenvolvimento humano, porque não significa apenas um aglomerado de definições, refere-se à identidade e à maneira de ser-no-mundo do indivíduo que a sofreu (Fukumitsu, 2004).

A perda nos coloca diante de nossas impotências e limites, e principalmente nos coloca o fato de que o mundo e nosso objeto de amor não estão sob nosso controle, porque são separados de nós. No entanto, contraditoriamente, é no processo de luto que entramos em contato com nossas potências e capacidades de nos relacionarmos com os outros.

Despedida carrega um significado de final. Esse final aparece como um momento de esclarecimentos e compreensão dos significados daquilo que estávamos vivendo. E quanto mais envolvidos nessa história, mais intenso será o desfecho dela. Portanto, o final está profundamente ligado à totalidade da história que foi vivida. (Pompéia, 2000)

Assim, uma despedida se trata de um momento de encerramento, um fechamento. O adeus funciona como tal, porque é através dele que fica claro a experiência como um todo; muitas vezes apenas compreendemos a relação após seu término ou percebemos a importância de uma pessoa em nossas

vidas, quando a perdemos.

No entanto, há uma peculiaridade da despedida: ao mesmo tempo em que algo se fecha e acaba, ela abre espaço para que algo novo aconteça. Quando há um encerramento, ocorre uma ação e nesse momento, algo pode começar novamente. Esse recomeçar tem o caráter da novidade, uma nova coisa será colocada no lugar da situação antiga, quando ocorrer o desfecho. (Pompéia, 2000)

A despedida é também um desfecho de uma relação, é um “dizer adeus” ao outro. Neste trabalho, o adeus tem o significado de um fim de relacionamento, seja por morte, divórcio, separação de pais, filhos deixando suas casas, sair do país de origem, entre outras. O que importa aqui é discutir o fato de que uma pessoa se tornou indisponível para a outra, em sua maneira de ser ou simplesmente porque não pode mais estar ali fisicamente.

Entretanto, segundo Fukumitsu (2004), assumir o controle após uma dura perda pode ser uma tarefa árdua, porque exige que a pessoa assuma novamente responsabilidades e redirecione seus papéis na vida. Isso porque, eventualmente ela deverá enfrentar o fato de que a situação conhecida mudou.

Mas nem todo adeus é bem resolvido. Stephen Tobin (1975) definiu como *reação de persistência*, a dificuldade que algumas pessoas têm para assumir uma nova forma de ser, após uma despedida.

Segundo Tobin (1975), a reação de persistência surge para inibir as emoções pela perda e manter a pessoa presente em fantasia. Essa reação aparece como um alerta para a pessoa de que ela não pode finalizar um relacionamento até que uma dívida emocional, que surgiu enquanto se relacionava, seja paga.

Um fator determinante para a qualidade do processo de se despedir é a maneira como a relação estava estabelecida anteriormente. Assim, quando há “negócios inacabados”, porque a pessoa não conseguiu vivenciar aquela relação autenticamente, ela não consegue também finalizá-la depois que a pessoa se foi. Quando existem assuntos pendentes, ela tentará viver daquela forma de ser, ela persistirá.

Outra causa para essa persistência, aconteceria quando a pessoa coloca grande valor em alguns ganhos secundários que conseguem ao persistir. Por exemplo, quando o momento atual, na vida da pessoa, não é

excitante ou ela não consegue se envolver emocionalmente com outra pessoa, ela se apega aos acontecimentos passados e persiste nos sentimentos que existiam. De tal modo, a pessoa mantém vivo dentro de si o relacionamento que tinha com o outro, para evitar entra em contato consigo mesma. (Tobin, 1975).

Enfim, segundo esse autor (1975), dizer adeus se torna difícil quando a pessoa é incapaz de ser genuína durante um relacionamento afetivo e carrega consigo sentimentos e emoções não-expressos durante todo o relacionamento, mesmo após seu término. Os negócios inacabados dificultam o fechamento porque a pessoa ainda quer viver daquela forma, mas o outro está indisponível para continuar na relação.

Numa perspectiva de desfecho saudável, Pompéia (2000) aponta que existe um momento de tristeza no término de um processo. Há um distanciamento de algo que aconteceu no passado e não pertence mais ao presente. Mas somos impedidos de parar e devemos continuar, seguir em frente e ir deixando aquela forma de ser para trás.

“Na experiência concreta, sem ilusões não encontramos finalidade. A finalidade é condição para o desfecho porque este corresponde ou ao alcance da finalidade ou à presença de um impedimento radical que finaliza um processo e torna evidente que a finalidade não pode ser alcançada. Ilusão, finalidade e desfecho estão profundamente ligados e a eliminação de um altera o outro.” (POMPÉIA, 2000, p. 37)

Segundo Pompéia (2000), quando a ilusão é concluída, nos abrimos para a realidade e somos levados a encontrar um significado daquilo que vivemos. Deste modo podemos finalizar a situação e nos sentimos mais sábios.

Ainda esse autor (2000), coloca que a morte como perspectiva de desfecho, despedida, adeus, traz consigo clareza, realização e abertura, por fazer parte da vida e de nosso modo de ser.

Como já exposto anteriormente, seria de muito interesse poder estudar cada um dos adeuses que passam por nossa vida. Entretanto, por ter sido escolhido fazer uma análise do filme, cabe discutirmos essa forma da despedida: a morte e o morrer.

Segundo Boss (1975) “o morrer é uma possibilidade destacada do existir

humano, por ser a mais extensa e não ultrapassável. Sua realização – que cada um de nós tem que realizar por si próprio – consiste em que, com ela, nossa existência se abandona a si mesma”.

A morte do homem não é um mero acabar-se, sem relação ao seu próprio existir. É frente a sua finitude, mobilizadora de seu existir, que o homem se temporaliza. Ele se faz tempo e modela-o temporalizando o seu existir, configurando seu sentido se ser (Dias, 1984).

Morrer é algo inerente ao homem, uma vez que somos seres mortais, mas esse morrer não é algo ao qual o homem se submete, ele faz da morte um “gesto de apropriação”. Assim, ele acaba por elaborar sua história, a vida e a morte, sentido que ele busca eternamente (Pompéia, 2004). Sobre isso Pompéia afirma:

“O homem percebe a vida como algo de imenso valor, como totalmente frágil e vinculada a um outro valor acima dela: o significado da vida. Nós nos sabemos vivos, damos um sentido para a vida, precisamos dele para viver. Mas, destinados a morrer, somos solicitados a encontrar também um sentido para morrer. Essas questões, ao se apresentarem a um ser humano, revelam-se como as que mais profundamente o preocupam e precisam ser cuidadas. Talvez por isso, nós – os homens – sejamos os mortais.” (POMPÉIA, 2004, p.73)

Aqui o autor nos mostra o quanto os significados de vida e de morte caminham juntos. Mas estar em contato com a morte é algo inerente a existência do homem, portanto, o morrer é algo que o toca cotidianamente. Para tanto, a morte é um limite constante de nossas possibilidades, não somente ao fim da vida, quando esperamos que ela aconteça. Ser mortal é estar limitado o tempo todo, é um não poder ser tudo. (Pompéia, 2004).

Esse poder morrer que carregamos conosco é muito aflitivo, por isso colocamos em nossa mente, em nosso imaginário, que vamos morrer num futuro distante e com idade avançada. No entanto, a morte não é uma condição do futuro, ela pode ocorrer a qualquer momento.

Segundo Dias (1984), o homem procura constantemente se esquivar desse seu ser mortal. O homem deixa-se seduzir pelo ideal social que o distancia da morte e trata-a teoricamente, como ao externo, esporádico ou como aquilo que acontece somente com outros e não como algo que acomete

a todos os homens, enquanto seres existenciais.

“A morte fala da perda, a perda fala da dor, e a dor assusta. Quando a morte não nos toca de perto, podemos encará-la intelectualmente como uma coisa que acontece a todo mundo, chega a ser algo familiar. Quando ela nos toca mais proximamente, torna-se uma coisa estranha, gera espanto.” (POMPÉIA, 2004, p.82)

Ou seja, apesar de termos a morte como algo apropriado, a tememos continuamente; ela é limitante e ao mesmo tempo nos move a querer mais, a viver mais. Mas a morte do outro é vivida como dor e sinônimo de perda.

Na análise do filme “As Invasões Bárbaras”, procuramos refletir sobre essas formas de despedir: a morte de alguém querido e encarar a própria morte. Acima de tudo, a finalidade do estudo é evidenciar a importância do adeus nas relações e a relevância de uma finalização, para que seja possível estabelecer novas formas de ser.

Capítulo III – SINOPSE DO FILME

O filme “As Invasões Bárbaras” será utilizado como um instrumento ilustrador do trabalho, na medida em que retiraremos dele os elementos que elucidarão os sentidos da despedida e da morte. Assim, faremos uma pequena narrativa do filme para que no próximo capítulo seja possível retirar os elementos que gostaríamos de analisar.

A obra narra o drama de Rémy, um homem com uma doença terminal, que o leva a repensar todos os ideais defendidos durante sua vida.

O filme tem início com a cena de um hospital em péssimas condições e repleto de pacientes espalhados pelos corredores e enfermarias. Numa das alas aparece Rémy, personagem principal do filme, deitado em um leito reclamando de dor. Sozinha e assusta, Louise, ex-mulher do paciente, telefona para Sébastien, filho do casal e rico corretor de ações de Londres, pedindo ajuda. Sébastien expõe à sua mãe seu rancor pelo pai e sua falta de vontade em viajar para o Canadá para ajudá-lo. No entanto, Louise insiste ressaltando que ela precisava de ajuda, por não saber lidar com a situação estando sozinha.

Assim, Sébastien viaja ao Canadá acompanhado de sua noiva, Gaele. Logo que chega, a hostilidade entre pai e filho fica clara. Rémy é formal ao cumprimentar o filho, mas mostra-se um galanteador perante a nora. Sébastien choca-se com a situação do hospital e questiona ao pai se haveria algum outro quarto que ele poderia ser hospedado. Rémy responde que tem sorte de não estar no corredor e que não se importa com as condições do hospital, já que, como socialista, lutou pela nacionalização dos hospitais no Canadá e suportaria aquelas condições.

Sentindo a gravidade do quadro de Rémy, Sébastien entra em contato com um amigo médico nos EUA. Esse amigo recomenda a Sébastien que seu pai faça um exame mais minucioso e caro. Como no Canadá esse exame seria inviável devido às grandes filas para realizá-lo, Sébastien organiza uma viagem para Berlington nos EUA, onde encontrariam seu amigo.

Nos EUA, Rémy realiza um exame de melhor qualidade. Entrando no scanner, ele olha para o filho e diz: “Conhece aquele provérbio: ‘Natal no

scanner, Páscoa no cemitério?””. O filho parece não gostar da fala sarcástica do pai, que se sente muito debilitado.

Na volta para o Canadá, o amigo de Sébastien telefona informando sobre o resultado dos exames. Como estava na van com seu pai, Sébastien fala em inglês com seu amigo evitando que seu pai compreenda o diálogo. O médico avisa-o que a situação de Rémy é muito grave e sugere que ele continue seu tratamento nos EUA por ser mais confortável e menos sofrido.

Quando Sébastien traz a notícia a Rémy, ele se recusa a ir para os EUA, critica muito o país, argumenta que não gostaria de ser assassinado por árabes (o filme cita o episódio de 11 de setembro de 2001) e também que seria muito caro tratar-se nos EUA e que não aceitaria que o filho pagasse. Sébastien fica irritado com a atitude do pai e tenta persuadi-lo, mas Rémy reforça que não gostaria de ir, porque não tinha amigos nos EUA e os seus estavam no Canadá. Logo Sébastien retruca dizendo que seus amigos não haviam aparecido, somente uma de suas amantes e aproveita para criticar a forma como seu pai tratava sua mãe e a família. Passam então a trocar grandes ofensas.

Sébastien: Baltimore não é longe. 7 horas de carro, 1 hora de avião... você estaria perto.

Rémy: Não irei me exilar nos Estados Unidos. Não insistam!

Sébastien: Não gostaria de um quarto próprio... com hora de visita o tempo todo, banheiro, CDs?

Rémy: Que CDs?

Louise: Para você ouvir música, Rémy.

Sébastien: Eles têm isso em países civilizados. Não te deixam isolado.

Rémy: Sabe quanto custa esse quarto lá?

Sébastien: Nada. Não custará nada. Eu cuidarei disso.

Rémy: Não conheço viva alma lá.

Sébastien: Vamos todos amanhã.

Rémy: Não, não vamos. Eu não irei aos Estados Unidos... eu posso morrer assassinado pelos árabes loucos. Eu votei pela nacionalização do seguro-saúde. Aceitarei as conseqüências dos meus atos.

Sébastien: Apenas idiotas se recusam a mudar.

Rémy: Quero estar com meus amigos.

Sébastien: Seus amigos? Onde estão eles?

Rémy: Dominique está fora, mas Pierre...

Sébastien: Você não tem ninguém. Fora aquela lunática de hoje de manhã.

Louise: Que lunática?

Rémy: Ninguém importante.

Sébastien: Com lágrimas nos olhos: meu Rémy, meu Rémy!

Louise: De quem ele está falando?

Rémy: Marlene Dupire.

Louise: Você não dormiu com Marlene Dupire! Ela é completamente maluca, todos sabem!

Sébastien: Arruinou sua família por aquele tipo? Deixou-nos amargurados...

Rémy: Não arruinei nada!

Sébastien: Arruinou a vida de mamãe, minha infância, adolescência, Sylvaine...

Rémy: Não é minha culpa se minha filha é maluca.

Sébastien: Sylvaine ama o mar, veleja pelo mundo, é extremamente competente. Você a culpa porque ela não fez uma universidade de terceira.

Rémy: Escute rapazinho. Você pode ser um milionário... mas não sabe nada!

Sébastien: Eu sei que não vou acabar como você! Se estou aqui para te ajudar é por causa dela! Ela me criou, não você! É por ela que estou aqui, não por você!

Rémy: Então não te incomodarei mais.

No apartamento de sua mãe, Sébastien ameaça voltar para Londres, pois seu pai é muito teimoso. Nesse momento, Louise tenta convencê-lo a ficar narrando diversas situações em que Rémy esteve presente durante sua infância, trocando suas fraldas, ensinando-o a andar de bicicleta, etc, o que o leva a ficar. Pergunta a sua mãe o que poderia fazer para ajudá-la e ela responde pedindo à Sébastien que organize tudo para que o fim de Rémy seja bom, chamando seus amigos para visitá-lo e arrumando-lhe um lugar melhor para ele ficar durante sua enfermidade.

Sébastien cumpre o prometido conversando com uma das diretoras do hospital, mas o clima entre pai e filho continua ruim. Nesse momento, chega por e-mail um vídeo de Sylvaine, filha de Rémy, que está numa viagem marítima. Sébastien deixa seu computador com o pai, para que ele possa assistir ao vídeo e saí para conversar com a diretora do hospital.

Vídeo de Sylvaine:

Oi Pai!

Veja, é o Oceano Pacífico. Alcançamos a Austrália antes de ontem... estamos na rota para a Nova Caledônia... depois para Ilha da Páscoa e finalmente a Valparaíso. Estou te mandando um monte de ar marinho. Dizem que é o melhor para a saúde.

Tenho que ir. Conexões de satélite custam uma fortuna. Estou te mandando muitos beijos. Até logo!

Já na sala da diretora, Sébastien pede para que ela obtenha uma nova sala para seu pai, o que é negado. Sébastien ressalta que há uma ala do hospital que estava desativada e pede para que seu pai seja transferido para lá. Seu pedido é novamente negado, mas Sébastien entrega para a diretora uma grande quantidade de dinheiro, salientado que entregaria a mesma quantidade semanalmente se seu pai fosse de fato transferido. A diretora acaba cedendo ao suborno, mas afirma que Sébastien teria que procurar o Sindicato dos Funcionários do hospital para negociar com eles.

Seguindo os conselhos da diretora, Sébastien conversa com o líder do grupo, fazendo um trato para a reforma de um quarto na ala desativada. O líder sindical acaba concordando, porque Sébastien oferece uma grande quantidade de dinheiro.

Feito isso, Sébastien volta para o quarto do pai e descobre que seu lap top havia sumido, pois Rémy depois de ter assistido ao vídeo da filha, colocou-o no chão. Sébastien se enfurece com o descaso de Rémy, porque tinha importantes documentos salvos no computador.

Depois da briga, Sébastien procura a administração do hospital para prestar queixa do lap top perdido, mas logo percebe que seria pouco efetivo, já que o próprio funcionário afirma que é um processo demorado. Então, ele parte novamente em busca dos funcionários do sindicato, que acabam concordando em procurar o objeto perdido.

Resolvido o problema, Sébastien entra em contato com os amigos de Rémy, informa-lhes das condições do pai e pede para que eles venham visitá-lo. Todos se mostram preocupados e concordam em aparecer no hospital.

Já no hospital, Rémy discute sobre religião com a freira, crítica veementemente as religiões cristãs e narra todos os acontecimentos violentos

causados pela Igreja na Idade Média. Sua intensidade assusta a freira e deixa-o bastante cansado. Naquela noite Rémy não consegue dormir por causa da dor e do cansaço. Finalmente, ele é transferido para a ala desativada. Quando está se ajeitando, chegam suas amigas.

Rémy: Bom dia, irmã!

Louise: Bom dia, irmã!

Irmã: Vocês são amigos do Premier ou de uma estrela do hóquei?

Louise: Ele tem um filho que cuida dele.

Irmã: Eu sei. E ele é orgulhoso demais para agradecê-lo.

Rémy: Oh, entenda, senhorita. Meu filho é um capitalista ambicioso e puritano. Enquanto sempre fui um socialista sensual.

Diane: Sensual não é nem a metade, irmã.

Dominique: Ignorante! Depravado!

Diane: Bestial! Lascivo! Perverso! Como vai, meu vigoroso pecador?

Rémy: Melhor! Me dê um beijo, sua cobra vulgar!

Quando voltou? Ontem?

E o Alasca?

Dominique: Belo e frio, como eu!

Rémy: Viu, irmã? Minha excelente nora, minha heróica mulher... e duas das mais charmosas de minhas amantes. Posso morrer em paz.

Irmã: Vai é queimar nas chamas do inferno!

Rémy: E não estarei sozinho. Eu não sei por aqueles ali... Mas conhecendo o passado dessas duas aqui... posso assegurar que elas irão se encontrar comigo. E não é pior do que vai acontecer com você. Pois você estará tocando harpa em uma nuvem pela eternidade... sentada entre João Paulo II, um polonês grosseiro... e Madre Theresa, uma albanesa pegajosa.

Louise: Desculpe-o, irmã. A doença afetou o cérebro dele.

Rémy: Não é uma verdade etnológica, Louise. Albaneses são muitas vezes pegajosos... e poloneses são sempre grosseiros.

Rémy, Dominique e Diane: "Para o azar da Polônia há provas da existência de Deus!"

Enquanto isso, Sébastien procura a polícia local em busca de informações sobre traficantes da área, acreditando ser este o modo mais rápido e eficaz de arranjar heroína para seu pai, seguindo a sugestão de seu amigo médico. A polícia mostra-se muito relutante e desconfiada, não

revelando as informações. Mas já na frente da delegacia, o policial passa poucas informações para Sébastien, mas não indica quem deveria procurar.

No hospital, Rémy diverte-se com seus amigos, porém se sente muito debilitado, mal podendo acompanhar a conversa. Já Sébastien recebe seu laptop, que foi encontrado pelos sindicalistas. No quarto do pai, conversa com seus amigos e pergunta-lhes se conheceriam alguém para auxiliá-lo com a heroína. Diane, uma das amigas de seu pai, fala sobre sua filha, que é dependente da droga e entra em contato com ela, para ajudar Sébastien.

Diane: Oi querida. É a mamãe. É Diane.

Eu sinto sua falta, minha querida.

Ouçá, lembra do Sébastien, o filho de Rémy da universidade?

Vocês brincavam sempre juntos quando eram crianças.

Ele gostaria de te encontrar. Ele precisa de uma informação.

Bom, você pode me ligar sempre que quiser, não importa a hora.

Se preferir não falar comigo, te darei o telefone do Sébastien.

Sébastien acaba contatando Nathalie e ela concorda em ajudá-lo, depois que ele promete pagar pelo consumo tanto do pai quanto o dela. Então eles vão até a casa do traficante local, Nathalie entra na casa do traficante e Sébastien aguarda no carro. Nesse momento, o policial encontra com Sébastien e fala que ele foi rápido em encontrar o maior traficante da cidade. Naquela mesma noite, Nathalie vai ao hospital, consumir heroína com Rémy.

Rémy: Você não se lembra de mim?

Nathalie: Não.

Rémy: Estranho, pois eu era muito chegado à sua mãe.

Nathalie: Você quer dizer que dormia com ela?

Rémy: Não apenas isso.

Nathalie: Você era casado?

Rémy: Sim.

Nathalie: Os que eram casados nunca ficavam até de manhã. Eu os via quando acordava de noite antes deles se levantarem.

Rémy: Da forma que você fala, estas histórias parecem sórdidas. Nós chamávamos de liberação sexual. O que é isso?

Nathalie: Heroína.

Rémy: Vem do ópio, certo?

Nathalie: É morfina misturada com todo tipo de químicos.

Rémy: Vai me injetar isso?

Nathalie: Podemos começar inalando a fumaça e ver o que acontece.

Rémy: É de fato inacreditável...

Nathalie: Fique quieto. Tente se concentrar. A primeira vez é a melhor. É aquela que você sempre quer conseguir de novo. Se chama "cavalgando o dragão".

Depois do consumo da droga, um médico visita Rémy em seu quarto e ele já se sente bem melhor. Chegam todos os seus amigos e têm grandes conversas sobre mulheres, amor e luxúrias. Quando voltavam dos EUA depois de mais um tratamento, Rémy pede para pararem em uma casa no lago, que pertencia a um de seus amigos e foi cenário de grandes conversas. Na casa, Rémy conta sobre como foi abrir mão de dar aulas, por causa da doença, e do descaso de seus alunos no dia de sua despedida.

Já de volta, Sébastien acompanha Nathalie à casa do traficante, Olivier, que se aproxima dele e diz que Nathalie não é uma pessoa confiável. Sébastien não parece se importar e Nathalie volta a consumir heroína com Rémy. No corredor Nathalie encontra-se com sua mãe:

Diane: Penso sempre em você.

Nathalie: Eu sei, você me disse.

Diane: De noite eu te imagino sangrando em um beco, em um tiroteio. Estou sempre apavorada por você. É insuportável.

Nathalie: Sua imaginação é muito fértil.

Diane: Você sabe que isso não pode continuar assim.

Nathalie: Claro que sei. Sei muito melhor que você. Há pouco que se possa fazer por mim.

Diane: Sei que é culpa minha, isso está me matando.

Nathalie: Isso não muda nada. Não preciso disso.

Durante o consumo da droga, Rémy e Nathalie tinham grandes conversas. Depois de discutir com a freira, aparecem alunos de Rémy para mostrar como ele era importante, mas ao saírem da sala, Sébastien entrega-

lhes certa quantidade de dinheiro. Rémy parece apreciar muito as conversas: com sua nora e seus amigos. No entanto, começa a esboçar muito cansaço e está cada vez mais abatido.

Certa noite, Nathalie não aparece e Rémy entra em grande abstinência. Sébastien sai a procura dela, acaba encontrando-a e a leva para o hospital. Lá, ela o assessora dizendo como proceder, mas está incapacitada para injetar a droga, pois estava bastante drogada. Uma enfermeira, que já se mostra amiga, ajuda-os, injetando a droga em Rémy.

Sentindo seu pai cada vez pior, Sébastien conversa com Pierre e pergunta se poderiam utilizar a casa do lago. Mesmo brigando com a esposa, Pierre empresta a casa e todos se instalam no lago. Já na casa, eles têm grandes diálogos e relembram os velhos tempos.

Os amigos passam por bons momentos na casa, conversam, comem e bebem, mas Rémy já está muito debilitado pela doença e não consegue acompanhar os amigos. Mas tentam permanecer junto dele, fazendo com que ele participe dos bons momentos: acendem uma fogueira, fumam maconha e conversam sobre política e sexo:

Claude: Separatistas, independencialistas, imperialistas... imperialistas- associados.

Dominique: No começo, éramos existencialistas. Nós líamos Sartre e Camus.

Pierre: Depois Fanon, viramos anti-colonialistas.

Rémy: Lemos Marcuse e nos tornamos Marxistas.

Dominique: Marxistas-leninistas.

Pierre: Trotiskistas

Rémy: Maoistas.

Claude: Depois de Solzhenitsyn mudamos de idéia. Éramos estruturalistas.

Diane: Situacionistas.

Dominique: Feministas.

Pierre: Desconstrucionistas.

Pierre: Há algum "ista" que não tenhamos venerado?

Claude: Cretinista.

Rémy: Deus não. Lembrem em Guo Jing.

Louise: Quem era Guo Jing?

Claude: Uma arqueologista com uma saia com uma grande fenda.

Rémy: Até você se lembra bem. Nos anos 70, a China se abriu para o Ocidente. Guo

Jing veio para uma visita cultural a Montreal. Então a universidade mandou o seu radical confiável, eu... Entrei na sala de jantar do hotel dela... Eu a avistei, e morri. Uma beleza que poderia derreter... os 7000 guerreiros de terracota do Imperador Qin.

Eu pedi chá, conversamos um pouco. Já podia nos ver fazendo a "corbelha de Pequim". O dragão Szechuan.

Então, estava frente a frente com ela... e para me fazer parecer interessante... Eu disse a ela: "É extraordinário o que acontece no seu país".

"Se soubesse quanto os invejamos".

"Sua Revolução Cultural é formidável!"

Instantaneamente, eu vi seus... lindos olhos negros perderem o brilho. Eu senti que eu havia cometido um erro. E que ela devia estar pensando... "Ou ele é um agente provocador da CIA... ou é o pior cretino do mundo ocidental." Ela optaria por uma destas duas.

Tanto pela corbelha e pelo dragão. Por 2 anos ela limpou lavagem em uma fazenda de re-educação. O pai foi assassinado, a mãe cometeu suicídio. E um tolo franco-canadense só porque havia visto os... filmes de Jean-Luc Godard... e havia lido Philippe Sollers... achava que a Revolução Cultural Chinesa... era formidável!

O cretinismo não pode ir mais baixo do que isso.

No dia seguinte, Rémy conversa com Sébastien que deixa claro para o pai: qualquer decisão que tomasse seria cumprida. Rémy parece optar mesmo pela eutanásia. A enfermeira do hospital passa pela casa para aplicar-lhe um soro e Nathalie prepara diversas seringas com heroína. Todos se posicionam ao seu lado. Quando chega o último vídeo de Sylvaine, choram ao assisti-lo.

Finalmente todos se posicionam para se despedirem de Rémy: um a um se aproximam e se despedem, sem trocar grandes palavras. Então, todos ficam observando ao longe enquanto Nathalie aplica as doses de heroína no soro, somente Sébastien permanece ao lado de seu pai na cama.

O filme termina com a morte por eutanásia de Rémy: Sébastien oferece o apartamento do pai para Nathalie, eles se beijam, mas Sébastien retorna para Londres com a noiva.

Capítulo IV – ANÁLISE HERMENÊUTICA

Neste capítulo realizaremos uma análise dos cenários de sentidos que envolvem a morte, escolha e cumplicidades que o personagem realizou com seus familiares e amigos, na obra cinematográfica.

Cabe suscitar aqui que uma análise hermenêutica será baseada no que Heidegger denominou como hermenêutica da facticidade, que assinala a condição dada ao homem, como gênero, condições históricas, sociais, econômicas, sua finitude, suas vulnerabilidades, obrigatoriedade de escolhas, entre outras.

Na obra, o título já produz essa facticidade: *as invasões* implicam em algo que não é escolhido, que faz parte da condição de ser homem, como o fato de sermos mortais; já o termo *bárbaras* fala de algo que é agressivo, que viola a liberdade e a existência do homem, como a enfermidade do personagem principal.

Um primeiro tema que pode ser analisado é justamente quando o personagem de Rémy é acometido por uma doença terminal. Ele, que passou a maior parte de sua vida sendo um libertino, vivendo pelo prazer e pela liberdade, se vê diante da finitude e do sofrimento causado pela doença.

Quando seu filho, Sébastien, toma conhecimento de sua condição, busca amenizar esse sofrimento: paga propina aos funcionários do hospital para acomodarem seu pai em uma ala desativada em melhores condições, dando-lhe maior conforto e privacidade; e contrata uma dependente de heroína, Nathalie, filha de uma velha amiga de seu pai, para consumir a droga com Rémy, como forma de aliviar a dor através do prazer que a droga proporciona.

Esses momentos de encontro, entre Rémy e a moça acabam se tornando momentos de conversas e reflexões. Segue um de seus diálogos:

Rémy: Você não liga muito para a vida, não?

Nathalie: De fato, não.

Rémy: Eu era como você na sua idade. Estava pronto para morrer a qualquer hora. Eu não ligava. É por isso que os jovens são melhores mártires. É paradoxal, mas nos apegamos à vida... quando ela começa a ser subtraída. Nos resta 20 anos, 10, 5...

Quando você percebe que é pela última vez. Estou comprando meu último carro. É a última vez que vou para Gênova... Barcelona.

Nathalie: Não vou viver muito tempo.

Rémy: Como você sabe?

Nathalie: Overdoses são muito freqüentes.

Rémy: Mas nunca se sabe. Talvez você largue isso e atinja a maturidade.

Nathalie: Não podemos decifrar o passado, como podemos conhecer o futuro?

Rémy: Ninguém sabe o que acontecerá com eles. Exceto eu, agora. Eu sei.

Nathalie: Está com medo?

Rémy: Oh sim. Não quero parar de viver. Eu amo muito a vida.

Nathalie: O que você tanto amava?

Rémy: Tudo. Vinho, livros, música, as mulheres... acima de tudo, as mulheres. O cheiro

delas, suas bocas, o toque da pele.

Nathalie: Você conheceu muitas?

Rémy: Sim.

Nathalie: Elas não começaram a parecer iguais?

Rémy: Um pouco, sim. Mas nunca me cansei delas.

Nathalie: Ainda o grande sedutor?

Rémy: Não, não mais. Com a idade, não é a mesma coisa.

Nathalie: Você ainda gosta de vinho?

Rémy: Infelizmente não. Não com o meu fígado.

Nathalie: As viagens com as quais sonhou, você as fez?

Rémy: Hoje em dia, há turistas por toda a parte.

Nathalie: Não é o presente que você não quer largar... é o seu passado. Essa vida já está morta.

Rémy: Talvez.

Nesse diálogo fica claro que é um momento compartilhado pelos dois: a jovem que vive a vida de uma forma mais impulsiva, como o próprio personagem fala: “pronta para morrer... jovens são melhores mártires”; e o velho Rémy, nostálgico em relação à vida que viveu e próximo da morte, momento de dor e despedida.

Segundo Pompéia (2004):

“A promessa é capaz de ir além da impossibilidade que a morte estabelece; ela pode ser para cada um de nós a recordação de que não temos posse da vida, ela é um dom, é dada. Recebemos a vida de graça e a entregamos de graça. A vida não é uma coisa que podemos guardar no bolso.” (POMPÉIA, 2004, p.84)

Nesse diálogo, quando Rémy fala: *“Eu era como você na sua idade. Estava pronto para morrer a qualquer hora. Eu não ligava. É por isso que os jovens são melhores mártires. É paradoxal, mas nos apegamos à vida... quando ela começa a ser subtraída. Nos restam 20 anos, 10, 5... Quando você percebe que é pela última vez.”* Ele coloca justamente essa sensação de ter que entregar a vida, ter que devolver algo que lhe foi dado. Ele vive uma grande angústia de ter que abandonar algo que lhe é precioso.

Segundo Boss (1975), a morte é a única possibilidade extrema e íntima do existir do homem, é percebida por ele como a mais certa de todas as suas possibilidades. E ele, o homem, é provavelmente o único ser que tem consciência de que morrerá, que é finito. Esse fato é o que nos leva a ter conhecimento de que cada momento de nossas vidas é irrecuperável e, para tanto, deve ser aproveitado.

“Se fossemos imortais nunca nos arrependeríamos das oportunidades perdidas. Sempre, a qualquer hora, poderíamos recuperar as perdas. Somente porque o homem é finito, cada momento conta.” (BOSS, 1975, p.72)

O que Rémy evidencia em sua fala é justamente a sensação de que as coisas só valem a pena porque um dia vamos acabar, a delimitação da vida pela morte é o que permite ao homem aproveitar os momentos. Nós estamos apegados aos significados que demos à vida, mas estamos fadados a morrer e temos que encontrar um significado para a morte, para que ela seja mais aceita (Pompéia, 2004). E é neste ponto que Rémy se encontra, quando tem essa conversa com Nathalie, ele está atribuindo um significado para a morte através daquilo que ele viveu.

Rémy afirma também que *“os jovens são melhores mártires”*, pois estão “menos” próximos da morte. Isso porque está presente no impessoal da sociedade que a morte é algo que vai acontecer quando estamos velhos. Mas Nathalie expõe o contraponto quando fala sobre suas overdoses, aproximando

a morte como algo possível para qualquer um que esteja vivo.

Outro ponto apresenta-se no próprio ato de consumir a droga: uma possibilidade de escolha frente à morte e a dor. A droga mostra-se como uma alternativa de prazer, de superação da dor física e de enfrentamento da morte. O âmbito das drogas, no caso da heroína, possibilita este encontro com a sua acompanhante em estados emocionais que o libertam para o prazer. Ao final, a droga também funciona como a substância que tira sua vida numa eutanásia.

Nesse diálogo, surge em dois momentos uma questão ligada à temporalidade: primeiro, quando Nathalie mostra que não conhece o futuro e não sabe se abandonará o hábito de consumir drogas e, num segundo momento, quando ela mesma coloca para Rémy o quanto ele está apegado ao seu passado em seu leito de morte.

Diante do acometimento da doença, o futuro se retrai, não há mais projeto de ser. Heidegger observa na análise da temporalidade do ser-aí como o futuro se mostra primordial para o ser-aí, pois o homem está lançado neste projetar-se, nesse vir-a-ser. Quando a doença marca um tempo curto para sua vida, aloca-se no passado e naquilo que pode ser vivido no presente. Já o passado adquire a força da rememoração de uma re-visitação seu modo de ter sido – sua instalação de mundo.

A finitude aparece como um elemento ligado à experiência de vida. Todos os prazeres que Rémy vivenciou, fizeram-no se apegar à vida, ele mesmo fala: *“Não quero parar de viver. Eu amo muito a vida”*. O apego à vida aparece mais claramente próximo à morte e é no processo de morrer que ele passa a elaborar sua vida, sua história e sua morte.

Nesse momento, a morte surge como uma restrição do prazer que Rémy sentiu durante sua vida: não pode mais beber o vinho que tanto apreciava, já não é mais o amante que foi, está incapaz de seguir seus sonhos e desejos. No entanto, quando fala sobre as coisas que lhe traziam prazer, ele nos mostra que o que alimenta a vida não se esgotou diante da finitude.

Há outro momento do filme de muita relevância que se dá entre Rémy e Nathalie:

Rémy: Eu ainda tenho dificuldade em aceitar.

Nathalie: Você sabe que tem que aceitar.

Rémy: Não posso aceitar isso.

Nathalie: É assim que é. É a lei. No mesmo instante que você fecha seus olhos... milhões mais vão morrer no mesmo segundo que você.

Rémy: Mas não estarei mais aqui. Eu. Eu vou desaparecer para sempre. Se pelo menos eu tivesse aprendido algo. Me sinto tão inútil quanto no dia em que nasci. Eu não achei um sentido. É isso. Preciso procurar. Preciso continuar procurando.

Aqui, apresenta-se novamente a morte como um momento de redefinição e resignificação da vida e da história dele. Rémy parece angustiado em busca de um significado para suas vivências e também por estar frente à morte, que é uma grande incerteza. Mas será que ele não encontrou sentido sendo um amante da vida? O que parece acontecer nesse momento é uma perda de sentido diante da morte. Falta um sentido para a morte.

“A única certeza, porém, é que a existência humana, depois de ter morrido, não está mais no mundo da mesma forma corpórea como antes. Mas esta certeza não exclui, de forma alguma a possibilidade da morte justamente não trazer consigo a aniquilação radical de tudo – o que é temido na angústia diante dela.” (BOSS, 1975, p.73)

A angústia de Rémy aparece precisamente diante deste acontecimento, ou seja, o aniquilamento de seu corpo, e isso não exclui o fato de enxergar todas as possibilidades que possuiu durante sua vida.

Dias (1984) fala da angústia como aquilo que coloca o homem diante de si mesmo, sobre sua responsabilidade de atribuir significados e lança-o em um abismo de falta de sentidos. “Na angústia, o estar-aí se descobre como o fundamento vazio de si mesmo, entregue ao existir e tendo que continuar, provendo-o de sentido” (DIAS, 1984, p.215).

Nesse instante, surge a questão da morte como uma facticidade, de estarmos fadados a morrer. Nathalie conversa com ele tentando elaborar a situação esclarecendo o fato de que em algum momento morreremos, mas o que Rémy teme é esse fardo.

“A morte e o morrer humanos nos acordam desse sono da banalidade das coisas. Cada momento da vida é a oportunidade que nos é dada para realizarmos aquelas coisas cuja importância só será nitidamente revelada quando

estivermos na iminência da perda ou diante da própria perda.”
(POMPÉIA, 2004, p.85)

O que os autores acima expõem é a angustia de ter que abandonar as banalidades de nossas escolhas, que buscavam camuflar a aproximação da morte, colocando-a como algo distante. Rémy vive justamente esse esclarecer das coisas e sente-se perdido diante da morte, apega-se às suas vivências e sente o fardo de ser mortal.

O filme ilustra também um aspecto importante da finitude: mesmo estando nessa situação, Rémy tem o poder de escolha diante na forma como vai morrer. Em certo momento, ele comenta com seu filho como se sentia feliz na casa do Lago, propriedade de seu amigo, e Sébastien arquiteta tudo para que seu pai possa finalizar a vida lá.

Quando todos se instalam na casa do Lago, tem início o processo de despedida entre Rémy e seus parentes e amigos, em que ocorrem as conversas de despedida, antes da overdose de heroína que o levou à eutanásia.

Primeiramente, há a conversa entre pai e filho, em que eles se entendem, depois de uma vida de distanciamento. É em seu momento de morte que Rémy se coloca na posição de poder acolher o filho e de ser acolhido. Sua morte lhe ressalta aquilo que é mais fundante em sua relação com Sébastien.

Rémy: O Príncipe deles que se aproxima.

Sébastien: Acha isso engraçado?

Rémy: Tenho medo.

Sébastien: Faremos o que quiser. A decisão é sua.

*Rémy: Sabe o que quero para você? Que você tenha um filho tão bom quanto você.
Tem notícias da Sylvaine?*

Sébastien: Não.

Rémy: Diga a ela que pensei nela.

Sébastien: Eu te amo.

Heidegger fala de um homem que é-no-mundo, esse ser-no-mundo diz respeito a todas as formas do homem, dasein ou ser-aí, existir. Estar-no-mundo

também é um ser-com-outros. Para Heidegger existem duas maneiras fundamentais de estar com os outros: os entes simplesmente presentes sem um envolvimento significativo e o ser-com os outros entes com um envolvimento significativo (Spanoudis, 1981). Sobre esse segundo:

“Nesse modo de envolvimento, em princípio, atuamos mais que teorizamos; assim como é, em geral, nossa vida cotidiana – uma totalidade de referências e atribuições significativas, por ex., escrever um texto, dançar, vestir-se, guiar um automóvel, produzir artigos, artesanato, etc. É importante esclarecer que essa maneira de relação com os entes em nossa cotidianidade é, na maioria das vezes, tão evidente que passa despercebida, e os significados são vividos sem percepção, isto é, não há significados, mas as coisas. Somente quando algo nos falha, falta ou quando se torna um obstáculo, é que seu significado pode tornar-se manifesto, saliente.” (SPANOUDIS, 1984, p.17)

O que Rémy e Sébastien vivem nesse momento é esse novo significante, com o morrer de Rémy, os dois puderam re-significar a relação, que antes era simplesmente vivida com hostilidade em sua cotidianidade. No entanto, no momento da perda, pai e filho atribuem um significado manifesto à sua relação.

Nesse diálogo fica claro que a relação entre eles é uma relação de preocupação. Heidegger coloca que a preocupação é a estrutura ontológica da dimensão existencial do ser-com. No mundo o ente já é com os outros, portanto, a preocupação já está presente (Jardim, 2003)

O ser-aí que se preocupa com o outro, o libera para o cuidado de si mesmo, essa dimensão da preocupação também pode ser denominada de *preocupação liberadora*. “Neste modo a preocupação antepõe o outro em sua possibilidade existenciária de ser para ‘devolver-lhe’ o cuidado (*Sorge*) e para que fique livre para o mesmo” (JARDIM, 2003, p.24). A preocupação de Sébastien para com Rémy é liberadora, porque torna possível também que Rémy faça uma escolha diante da morte.

Um novo diálogo mostra-se importante: a despedida de Sylvaine, filha de Rémy, que chega através de um vídeo.

Sébastien: Isso acabou de chegar.

Vídeo da filha: Em um navio, você chama isso de olho do mal... Ato de Deus. Pegar uma tempestade, bater em um iceberg à noite... um incêndio pelo vazamento de óleo. Se atingirmos a terra, tivemos sorte de nada disso ter acontecido.

Faz tempo desde a última vez que te vi, meu querido papai. Meu papai, meu papaizinho. Eu senti sua falta por toda a minha vida. Diga a si mesmo que sou uma mulher feliz... e que eu encontrei o meu lugar.

Não sei como você fez, mas... você conseguiu me transmitir seu apetite pela vida. Você e mamãe criaram crianças incrivelmente fortes, sabem? Eu acho que isso é um milagre.

Sabe... O primeiro homem na vida de uma menina... é o seu pai. Você sempre estará comigo.

No início da fala de Sylvaine, está presente a idéia de Deus como uma resposta para a facticidade da mortalidade humana. Ela fala da morte como “Ato de Deus”, algo que nos é colocado como destino traçado por um ente divino. Essa é uma forma de trazer respostas diante do temor da finitude.

Já quando ela começa a se despedir de seu pai, torna-se carinhosa, chora e tenta tranquilizar Rémy, afirmando que criou grandes filhos e que faz parte de sua constituição como pessoa. Parece também que ela está perdoadando-o por algo, como se ele houvesse abandonado sua responsabilidade de pai. O que se mostra aqui é novamente a morte do pai como uma situação propícia para finalizar os problemas da relação, Sylvaine também atribui um significado frente à morte do pai, perdoadando-o e colocando-o como essa pessoa responsável por quem ela é e se tornou. Por fim, ela o eterniza em seus pensamentos, quando fala que sempre o terá em lembranças.

Finalmente, um último diálogo, acontece logo após a mensagem de Sylvaine, que todos assistem juntos. Rémy e seus amigos podem se despedir:

Rémy: Tive muito prazer em dividir essa vida com vocês, meus amigos. Vou levar seus sorrisos comigo.

Um por um, se aproxima de Rémy e despedem-se, quase sem trocar palavras.

Louise (ex-mulher): Rémy, Rémy... O homem da minha vida.

Então, Nathalie se aproxima para injetar as seringas de heroína, todos se afastam para observar da janela. Sébastien senta-se na cama de seu pai e Nathalie dá início à

eutanásia.

Rémy: Meu anjo da guarda.

Nathalie: Foi um privilégio conhecer você.

Rémy: O privilégio foi todo meu, senhorita.

Rémy falece, na casa do Lago e na companhia de todos seus amigos.

Nessa fala Rémy fala da morte, mas se despede de seus amigos dizendo que levará consigo seus sorrisos, o que nos traz uma idéia de vida após a morte, ele acabará na Terra, mas continuará vivendo em algum outro lugar. Essa idéia parece surgir para amenizar sua angústia diante da aniquilação de seu corpo, sua morte como homem libertino, mesmo tendo escolhido seu destino.

Concluimos esse capítulo evidenciando os momentos de despedida:

1. Sébastien despede-se de seu pai perdoando-o pelas irresponsabilidades e procura tornar seu fim o mais confortável e indolor possível;
2. Sylvaine se despede do primeiro homem de sua vida, seu pai que a possibilitou de se tornar a mulher que é;
3. Os amigos se despedem de uma pessoa querida que fez parte de grandes momentos e experiências;
4. Rémy se despede da vida através de uma escolha, a eutanásia, que pôs fim ao seu sofrimento.

Capítulo V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse último capítulo ficou reservado para considerações finais a respeito do filme. Analisando a obra, fica claro que um tema importante e merecedor de reflexão é a eutanásia, forma pela qual Rémy finalizou sua vida. Discutir a eutanásia é um assunto delicado e difícil de elaborar de forma prudente e reservada, uma vez que discuti-la toca em assuntos éticos e religiosos.

O termo *eutanásia* é oriundo do grego, tendo por significado *boa morte* ou *morte digna*. Muitos se utilizam da eutanásia como forma de amenizar o sofrimento do paciente, ou mesmo para evitar que um tratamento médico mais invasivo e pouco efetivo, leve-o a um maior sofrimento e, optando por não fazê-lo, leva-o à morte.

Esse assunto é muito polêmico principalmente diante de argumentos religiosos, que falam da vida como um presente de Deus, como um bem ganho de uma divindade. E assim, escolher pela morte seria um ato contrário às regras de Deus. Os médicos, muitas vezes, também são contra, já que sua profissão coloca uma lei não-dita de que devem prezar pela vida de seus pacientes e entregar-los à morte, poderia trazer-lhes grandes problemas éticos e mesmo jurídicos.

Existem os que são a favor da eutanásia, argumentando em prol da qualidade de vida da pessoa e acabar com o sofrimento daquele que está acometido por uma doença fatal. A religiosidade é oposta a essa linha de pensamento, colocando o homem submetido às escolhas de Deus e para tanto deve sofrer as conseqüências de sua doença.

Apesar de todo pensamento diante à eutanásia, é complicado medir o valor da vida humana ou mesmo julgar se devemos retirá-la. Entretanto, a morte do homem tem diversos sentidos que são singulares. A morte é singular, porque é o único momento em que não podemos ser substituídos. Segundo Boss (1975):

“O existir humano encontra-se com a sua morte diante do seu mais íntimo poder-ser. Além do mais, cada homem tem que morrer a sua própria morte. Em mil e uma de nossas outras possibilidades de proceder podemos ser substituídos por alguém. E dizer-se que hoje em dia há procuração para tudo! Mas, no morrer, todos nós somos insubstituíveis.” (BOSS, 1975, p.71)

Na fala de Boss, a morte é uma escolha única de quem vai morrer. O homem é mais autêntico e autônomo em seu morrer e não submisso a um ideal da morte, como um presente de Deus. Porque a morte é vista como um bem, o homem a teme. E esse temor é tanto, que ele não compreende quando o outro escolhe terminar a própria vida.

“Idéias, conceitos, modelos, valores absolutos, tentam passar por cima da mortalidade humana, procurando refúgio no persistente, inalterável, desafiando o tempo e apelando para a eternidade”. (SPANOUDIS, 1984, p.12)

A religiosidade é um valor para se esquivar ou adiar o que é temido. No entanto, ainda é uma escolha singular. Escolher pelos moldes da religião é uma opção daquele que é religioso. Assim como, escolher sua própria morte é direito de cada homem, o único momento que não podemos ser substituídos.

Na história de Rémy sua morte é autêntica: ele decide quando, onde e como morrerá. Ele morre diante de seus parentes e amigos, em um lugar que lhe traz boas lembranças e morre através de injeções de heroína, que durante todo o filme foi sinônimo de momentos de prazer.

O filme expõe a morte de Rémy como um momento de paz e também de autonomia por ter escolhido a sua morte. A eutanásia continua tendo a sua polêmica. Cabe a nós respeitarmos a escolha de cada um, seja a do religioso que segue a ordem de um Deus ou daquele que escolhe a morte, diante do sofrimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSS, M. O médico e a morte. In: *Angústia, Culpa e Libertação*. São Paulo: Editora Livraria Duas Cidades, 1975, p.67-77.

DARTIGUES, A. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J.G. de Almeida. São Paulo: Centauro Editora, 2000, p. 31-46.

DIAS, E.O. *Ser e Tempo em Augusto Matraga: Veredas de hora e vez*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 1984, p.210-223.

FUKUMITSU, K.O. *Uma visão fenomenológica do luto – um estudo sobre as perdas no desenvolvimento humano*. Campinas: Ed. Livro Pleno, 2004.

HEIDEGGER, M. §7. O método fenomenológico da investigação. In: *Ser e tempo – parte I. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti*. Petrópolis: Editora Vozes, 1988, p.56-70.

HEIDEGGER, M. Ser e tempo – parte I. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

JAPIASSÚ, H. & MARCONDES, D. 1996. Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

JARDIM, L.E. Preocupação liberadora e a terapia. In: *A preocupação liberadora no contexto da prática terapêutica*. São Paulo: Trabalho de Conclusão de Curso, PUC/SP, 2003, p.23-29.

POMPÉIA, J.A. Desfecho – Encerramento de um Processo. In: *Revista Daseinsanalyse, nº 09*. São Paulo: Associação Brasileira de Daseinsanalyse, 2000, p.31-43.

POMPÉIA, J.A. 2004. Sobre a Morte e o Morre. In: *Na Presença do Sentido – uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas*. Organizado

por João Augusto Pompéia e Bilê Tatit Sapienza. São Paulo: Ed. Educ, p.69-86.

SAPIENZA, B.T. *Do desabrigo à confiança: Daseinsanalyse e Terapia*. São Paulo: Ed. Escuta, 2007, p. 21-28.

SPANOUDIS, S. A todos que procuram o próprio caminho. In: *Todos nós... Ninguém*. de Martin Heidegger. São Paulo: Editora Moraes, 1981, p.9-22.

STEIN, E. Aproximações sobre hermenêutica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1966.

TOBIN, S.A. Dizer Adeus. In: *Isto é Gestalt*. Organizado por Frederick S. Perls. São Paulo: Ed. Summus, 1975, p.161-175.

As legendas do filme foram consultadas no seguinte site:

<http://legendas.tv/index.php?opcao=buscarlegenda&filme=1194>